

O BRASIL E OS 7 BILHÕES

*** Roberto Rodrigues**

No mês passado a Organização das Nações Unidas anunciou que o mundo havia alcançado o fantástico numero de 7 bilhões de habitantes, o que reacendeu o debate da segurança alimentar que desta vez vem agregado a um tema relativamente novo: a preservação dos recursos naturais. Com isso Malthus não se preocupou em demasia não era uma realidade em seu tempo. Em suma, saberá a espécie humana produzir alimentos, fibras e energia suficientes para as novas gerações que estão chegando com enorme rapidez (e avidez de consumo ainda maior) com sustentabilidade?

Não é um desafio trivial, mas sem dúvida que a resposta é SIM. É claro que isso vai depender de muitas providências que já deviam estar sendo tomadas, para além dos discursos inflamados ouvidos todos os dias em eventos ao redor do mundo. E há um fenômeno curioso nestes discursos. Fala-se em segurança alimentar sem que se coloque a mesma ênfase na produção agrícola. Produção e abastecimento são duas pernas de um mesmo corpo, o da continuidade da vida. Portanto, as Nações do mundo todo e seus organismos multilaterais devem se debruçar sobre estes dois elementos com o mesmo vigor e interesse, e tratá-los com políticas públicas globais realmente efetivas: menos discurso e mais ação! Mais produção e mais acesso!

O número de famintos do mundo contemporâneo, próximo a 1 bilhão de pessoas (por coincidência, o mesmo número de terráqueos a mais só neste século 21), não passa fome por falta de comida, e sim por falta de renda. Chega a dois bilhões o número de pessoas que vivem com menos de 2 dólares por dia. Portanto, a primeira coisa a fazer é criar mecanismos que garantam o acesso ao mercado de alimentos a este gigantesco contingente de marginalizados. E o Brasil já teve sucesso com uma política para isso: nos últimos 10 anos mais de 30 milhões de brasileiros saíram da linha de pobreza e vieram somar-se aos demais consumidores, criando uma demanda de alimentos que, por sua vez, emprega mais mão de obra, num círculo virtuoso muito interessante. Ao invés de subsidiar a produção, que sempre gera distorções, (inclusive de preços nos mercados), o Brasil subsidiou os consumidores. Sempre fica a dúvida sobre a porta de saída para esse programa, mas espera-se que o ciclo de “mais consumo = mais produção = mais emprego = mais renda” se complete de maneira positiva, e que a maior massa de salários substitua paulatinamente o mecanismo utilizado.

Por outro lado, o Brasil adotou tecnologias agrícolas tropicais vigorosamente sustentáveis. É só analisar a produção de grãos nos últimos 20 anos, que cresceu 180% enquanto a respectiva área plantada só cresceu 31%, o que representou a preservação de 57 milhões de hectares. Isso é sustentabilidade real, não discurso de promessa: já foi feito!

Portanto, temos uma bela lição de casa realizada nas duas pernas da preservação da vida humana. Claro que não é suficiente; os países ricos precisam rapidamente perceber que se mantiverem o atual nível de protecionismo a seus agricultores, inibirão os países em desenvolvimento, especialmente os tropicais, que não terão capacidade de incorporar as tecnologias geradas por nossas organizações de pesquisa e que o Brasil está mais do que disposto a divulgar pelo mundo a fora. Então, precisamos concluir positivamente a Rodada de Doha da OMC, e logo, abrindo mercados de verdade.

Os 7 bilhões já chegaram: o Brasil pode ensinar a alimentar a todos, sustentavelmente. Mãos a obra, mundão velho sem porteira...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**